

“Vencer ó morir”: o recrutamento feminino na Guerra do Paraguai¹

Fernando Lóris Ortolan*

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise das representações construídas sobre as mulheres paraguaias no período da Guerra do Paraguai. Com a intenção de fazerem muito mais pela pátria, muitas das voluntárias e outras totalmente coagidas, resolveram “pegar em armas” para lutar. Parte do vigor nacional e da demonstração de solidariedade para com os soldados nos campos de batalha deveu-se às pressões que o Estado fez pela imprensa, visando à difusão do patriotismo. As mulheres se deixavam contagiar com a onda de patriotismo que o Paraguai estava vivenciando, com um entusiasmo coletivo, oferecendo-se espontaneamente para o recrutamento.

Palavras-chave: Mulheres paraguaias. Guerra do Paraguai. Viajantes e imprensa.

Os cenários da guerra, principalmente os campos de batalha, são representados como palcos exclusivos dos homens. A mulher, observadora e vítima, tem relegada a sua participação a um segundo plano. Sua situação era de quase total invisibilidade, sendo ocultada pelos homens, que retinham o papel de personagens principais e eram considerados dignos de interesse para a história.

As “mulheres soldados”, que durante muito tempo foram vistas com

* Mestre em História Latino-Americana na Unisinos. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná. E-mail: fernando.ortolan@ig.com.br

¹ Este artigo, com algumas modificações, faz parte de algumas reflexões desenvolvidas no capítulo 2 da dissertação de mestrado “*Sob o olhar da imprensa e dos viajantes: mulheres paraguaias na Guerra do Paraguai. 1864-1880*”, defendida junto à Unisinos, sob a orientação da professora Dra. Eliane Cristina Deckman Fleck, em abril de 2004.

desconfiança por seus contemporâneos e, também, pelos historiadores, passaram a se constituir em objeto de estudo a partir do momento em que deixaram de ser casos isolados e foram revelados inúmeros momentos de suas participações nas forças armadas.²

A mulher paraguaia teve um papel significativo na Guerra do Paraguai. Muitas mulheres, de forma voluntária, participaram dessa luta contra os exércitos da Tríplice Aliança; outras tantas, especialmente as mulheres da classe baixa, não tinham opção e se encontravam no meio de uma luta, restando-lhes participar das campanhas militares contra os aliados; ainda outras, milhares talvez, de todas as classes sociais, encontravam-se entre as vítimas. Com a intenção de fazer muito mais pela pátria, muitas das voluntárias e outras totalmente coagidas resolveram “pegar em armas” para lutar.

Como em outras batalhas, a Guerra do Paraguai foi cenário da produção de muitas imagens e discursos. Para os homens, “Matar ó morir” como manifestação de doação à pátria converteu-se numa causa coletiva, mobilizando todos a lutarem, ao passo que entre as mulheres o engajamento na guerra deu-se de maneira diferente, tanto para as mulheres do povo, as *Kyguaverá*,³ quanto para as da elite paraguaia.

É interessante ressaltar que, constantemente, a imprensa paraguaia difundia o patriotismo com que a população paraguaia, homens e mulheres, se oferecia espontaneamente ao recrutamento, com doações e trabalhos voluntários e, ainda, com apoio logístico à tropa.⁴ A imprensa produz todo um imaginário que nos mostra indícios preciosos sobre a forma como homens e mulheres visualizavam o mundo; assim, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos sociais que se orientam por interesses específicos, permitindo melhor conhecer uma determinada sociedade. A análise dos discursos veiculados pela imprensa, considerando nosso propósito, constituiu-se num dos elementos fundamentais para a compreensão das representações sobre as mulheres no período da guerra.

Assim, ao falar da imprensa em uma determinada época, temos, obrigatoriamente, de referir o local no qual está inserida, bem como compreender as relações sociais e culturais determinantes nesse local. De acordo com Marinalva Barbosa, “os meios de comunicação ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ser ou não notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo a criação do próprio acontecimento”.⁵ Tal argumentação é

reforçada por Renée Zicman, que salienta as motivações de veículos de comunicação e aponta para o estudo que se deve desenvolver: “[...] a imprensa age sempre no campo político-ideológico e, portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de imprensa consultados.”⁶

Outro subsídio significativo na elaboração dessa análise foi a contribuição dos relatos de viajantes, que deixaram importantes descrições sobre as mulheres paraguaias. Os viajantes estrangeiros que estiveram no Paraguai – servindo como militares ou como observadores de guerra – deixaram comentários que passaram a rotular e, mais tarde, a identificar social e culturalmente as mulheres paraguaias. As impressões captadas sobre o cenário da Guerra do Paraguai foram definidas pelos sentidos dos observadores, por suas diferentes concepções de mundo e por sua própria bagagem cultural.⁷

Como lembra Ilka Boaventura Leite, os estudos que se valem dos relatos de viajantes: “Tem sido, portanto, convocados a dar conta de uma parte significativamente grande do nosso passado [...]. A idéia de realizarem estudo de representação partiu da necessidade de tratar os dados fornecidos pelos viajantes como ‘reinventores de realidade’.”⁸

Ao começar a guerra, as mulheres camponesas estavam vinculadas às divisões do Exército Nacional Paraguuaio como as “mulheres de acampamentos”. Muitas eram esposas, companheiras, concubinas, prostitutas ou irmãs dos soldados. Os “regimentos femininos” desempenharam diversas funções no acampamento paraguuaio, como as tarefas domésticas de rotina – limpeza e construção de palhoças –, o enterro dos mortos, o transporte de materiais bélicos – canhões e carros de munições – e o eventual apoio na construção da defesa militar.

Por estar a serviço do exército paraguuaio e ter mantido estreito convívio com os paraguaios, os relatos do coronel Thompson constituem-se em uma das referências que tratam claramente sobre a situação da mulher nos campos de batalha. Sobre Paso Pucú, ele observou:

As mulheres que viviam no acampamento tinham um correr de choupanas construídas para elas em cada divisão, e no Passo Pucú dispunham de dois grandes aldeamentos. Dentre elas próprias eram nomeadas algumas com graduação de sargento, responsáveis pelas companheiras. As mulheres tinham permissão de andar pelo acampamento inteiro, exceção feita no tempo da cólera, quando eram obrigadas a se manterem em suas próprias divisões. A principio não lhes era permitido permanecer nos alojamentos dos soldados após o toque de recolher, mas pelo fim da guerra tal proibição foi abolida. As

mulheres ajudavam nos hospitais e lavavam a roupa de seus amigos. Não podiam deixar o acampamento sem um salvo conduto assinado pelo General Resquín. Não lhes cabia nenhuma ração, e viviam da comida que os soldados lhes davam.⁹

Criando o posto de “sargentas”, o governo pretendia ter um maior controle sobre as mulheres. Estas, que, possivelmente, eram mulheres “residentas”,¹⁰ talvez desfrutassem de maior confiança por parte dos chefes militares, todavia não tinham direito sequer à comida. Observa-se que no início da guerra havia uma severa disciplina, ao passo que ao final, quando tudo parecia estar perdido, foi-lhes dada permissão para dormirem com os companheiros. Suas casas ficavam isoladas do acampamento propriamente dito, porém tinham autorização para passar a noite com seus companheiros.

Sobre as “sargentas”, quando um chefe de alguma divisão do exército queria dar um baile, pedia permissão a Resquín, que ordenava ao chefe de polícia que enviasse o número necessário de mulheres; então, este mandava que essas “sargentas” se apresentassem aos bailes com suas respectivas divisões. Mais tarde muitas mulheres foram incorporadas diretamente aos acampamentos e passaram a receber ordens diretas das “sargentas”, que cuidavam da ordem, organização e

coordenação dos trabalhos. Além disso, serviam de mensageiras, já que tinham certa liberdade para sair do acampamento e, quando devidamente autorizadas, podiam ir até Assunção. Segundo Thompson:

No acampamento paraguaio não se permitia nenhuma correspondência entre exército e os parentes dos militares. As mulheres, entretanto, iam e vinham constantemente, e levavam para Assunção notícias do que acontecia no acampamento. O povo recebia ordem de festejar todos os dias nova vitória de López, e naturalmente não ousava mostrar que não acreditava nisso, embora muita gente em Assunção esperasse cada dia ver os aliados entrarem na cidade. Na capital, as pessoas eram mantidas muito ocupadas, e cada família tinha ordem para comprar, fazer, e entregar em determinado prazo, tantas dúzias de camisas e ceroulas para o exército. Também quase todos os dias eram rezadas missas na catedral pela segurança e bem estar de Dom Francisco Solano López. Tais missas eram pagas por particulares.¹¹

Esse relato de Thompson é bastante esclarecedor, pois fica clara a posição de alguns fiéis partidários a López, visto que a maioria era obrigada a manter abastecido o exército com a expectativa de que acabasse logo a guerra. O estado de espírito nos acampamentos era representado, segundo as informações oficiais, por um ambiente alegre, patriótico e otimista. Efraim Cardozo fez citação a respeito:

Existe um ambiente de festa no Acampamento militar de Paso da Pátria. Apesar da eminência de invasão, não havia parado um dia o empenho do Marechal López em melhorar as condições de vida do grande acampamento entrincheirado de paso da pátria. Foram construídas nos últimos tempos varias casas de material para sede das principais dependências do exército e residência de altos dignitários, assim como muitas comodidades para os soldados.¹²

Embora muitos condenassem a presença das mulheres junto à tropa, principalmente os chefes militares, para alguns pareceu oportuna sua presença, particularmente das “vivanadeiras” brasileiras. Os militares brasileiros consideraram que seria um “desastre” estar cinco anos longe dos lares sem a presença dessas mulheres. Mesmo assim, muitas paraguaias foram vítimas dos “desejos carnavais” e do apetite sexual da “soldadesca” brasileira.

Quanto à situação das mulheres nos acampamentos, Max Von Versen também apontou a falta de alimento, destacando que

a falta de víveres foi que López não podia obviar. Os soldados recebiam ração exígua; as mulheres, aí muito numerosas, não recebiam nenhuma. Em vez de enxotar, Lopez as reteve no acampamento como espécie de reféns, porque ficavam responsáveis pelos homens em caso de deserção ou de qualquer outro delito. Mr. Valpy acaba de me escrever. A miséria era horrorosa. Mais de 100.000 mulheres e crianças morre-

ram de fome nos 6 meses seguintes. Elas não tinham outro alimento senão os frutos encontrados nas imediações e esses, posto que fossem abundantes, não podiam chegar para tanta gente. Somente o regime de terror praticado por Lopez era capaz de manter a disciplina no meio de tais apuros.¹³

Na transcrição Versen faz referências a algumas residentas que foram obrigadas a permanecer nos acampamentos. Talvez o autor tenha exagerado ao referir cem mil mortos, mas se observa o tom realista que dá aos seus relatos quando registra as péssimas condições do acampamento e as atrocidades cometidas por López. Sua presença, sem dúvida, elevava a moral da tropa, evitando em parte a deserção de muitos soldados e criando, de certa forma, um aparente ambiente familiar nos acampamentos.

Washburn, em *Historia del Paraguay*, nos traz uma versão “antilopista”. Nesta obra encontramos a informação de que o governo López obrigava as mulheres a se alistarem no exército “bajo miedo y compulsión”. Ele escreve que, com exceção de algumas mulheres da alta sociedade da capital, todas as mulheres, também as escravas e “peonas”, entre os 16 e 40 anos foram chamadas ao exército para trabalhar como agricultoras. Provavelmente, essas mulheres recebiam ordens dos comandantes militares ou de superiores das localidades para se alistar.¹⁴

A descrição da rotina de uma mulher no acampamento foi feita por Washburn, ilustrando as diversas atividades diárias desempenhadas por elas. Ao amanhecer, segundo ele, uma delas acendia o fogo na cozinha do acampamento. Se fazia frio pela manhã, os soldados se juntavam próximo ao fogo para tomar seu mate. Depois, as mulheres moíam rapidamente o milho, utilizando um martelo de madeira, apenas preparando o suficiente para aquele dia. O milho ou a farinha de mandioca eram utilizados para fazer a *chipa*.¹⁵ Logo após, elas ajudavam as outras mulheres a colocar em ordem o acampamento; mais tarde, ainda de manhã, preparavam o almoço. Em seguida, as mulheres e os soldados fumavam pequenos cigarros pretos. Se não havia nenhuma ação militar naquele dia, elas ajudavam a cuidar dos feridos e enfermos no hospital militar ou cavavam trincheiras. À tarde, elas levavam lenha do bosque até uma palhoça para manter o fogo aceso; depois, pegavam água em um cântaro, colocavam-no sobre a cabeça, levando-o desde o rio. Outra atividade que desempenhavam era embrulhar os cigarros. Finalmente, depois de preparar a ceia e lavar os pratos, assistiam a um baile no acampamento na companhia dos soldados.¹⁶

É interessante observar que as descrições feitas sobre as mulheres já determinam os papéis que lhes são re-

servados. Para Miriam Moreira Leite: “A releitura desse reagrupamento de informes reassegura que a literatura de viagem é uma fonte produtiva de dados e sugestões a respeito da vida das mulheres, por se deter e reproduzir o cotidiano, onde a mulher tem um nível mais amplo de atuação.”¹⁷

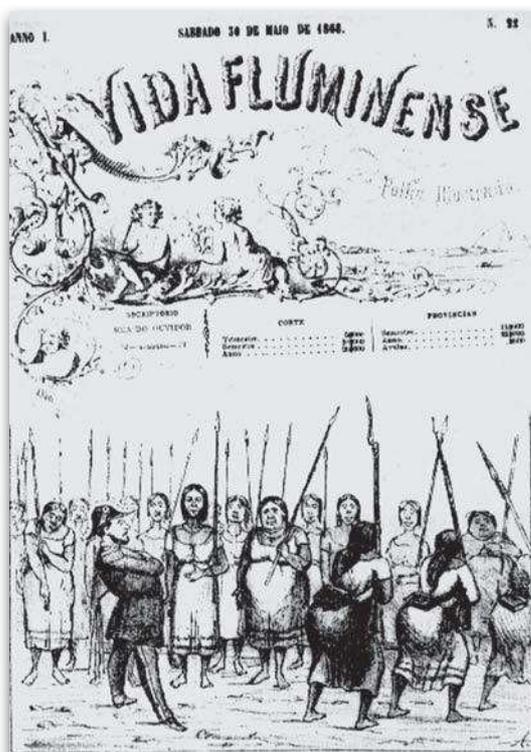
Max Von Versen, referindo-se às mulheres nos acampamentos, informa que

são muito entendidas em comércio e não são menos hábeis do que os próprios negociantes e vivandeiros. Em numerosos grupos elas costumavam vir a cavalo ao acampamento de Humaitá, mas, tanto ao chegarem como ao partirem, tinham de se perfilar militarmente, formando duas linhas. Eu nunca precisei mostrar passaporte nas republicas sul-americanas, aqui as mulheres tinham a obrigação de mandar visar os passes. Por estarem todos os homens ausentes em serviço militar, eram as mulheres que cultivavam a terra, para não morrerem de fome. Porquanto como já dissemos, tinham-lhes tirado o gado. Não obstante tal espoliação ainda Lopez as obrigava a fornecerem fumo para as tropas, e esse foi gênero que, até na época mais calamitosa, jamais escasseou.¹⁸

O excesso e a sobrecarga de trabalhos a que eram submetidas as mulheres nos acampamentos são evidenciados no relato. Além da necessidade de cultivarem a terra para nela sobreviverem, precisavam fornecer produtos considerados indispensáveis à tropa.

Os jornais brasileiros participavam intensamente do debate político

de questões relacionadas à guerra. Representando seus interesses, a *Vida Fluminense*, de 30 de maio de 1868, recorreu à “sátira” para depreciar um grupamento feminino paraguaio passado em revista:



Fonte: *Vida Fluminense*, ano 1, n. 22, 30 maio 1868.

Figura 1 - Revista das tropas paraguayas no tobicuaray

– Ora, é preciso confessar que um batalhão como este sempre faz sua vista por detrás! Mas, se me derem cabo delle, de quem lançarei eu mão?! Queira Deus que os aliados não se lembrem de atacalos à arma branca; porque então... ai de mim!

A imagem satiriza o recrutamento de mulheres paraguaias para a luta. Muitas versões sobre a participação das mulheres no conflito circulavam fora do Paraguai. De formas bastante diversas, essa participação levaria a posições contraditórias: para uns, confirmava o patriotismo paraguaio; para outros, constituía uma afronta, uma atitude de um governo que estava impondo seu despotismo.

Ao relatar sobre as mulheres, Richard Burton muitas vezes se surpreende e se admira diante de situações inusitadas. Tece comparações com a cultura europeia e com o estilo de vida europeu e, outras vezes, mostra-se indignado com a condição da população paraguaia. Assim as descreveu:

Entusiasticamente patriotas e dedicadas à causa do marechal-presidente, as damas de Assunção entregaram a ele suas jóias, tal como as de Santiago, em 1818, desfizeram-se voluntariamente de toda a sua prataria como oferta a segurança do país. Assim como as mulheres da Prússia aprenderam recentemente a cuidar dos combatentes feridos, assim como as suas irmãs do Paraguai possivelmente formaram, como os homens começaram a escassear, um corpo auxiliar de exército e talvez até tenham adotado um fardamento paramilitar. Mas a mobilização e a luta de 4000 “amazonas” terminou aí.¹⁹

Em uma das batalhas, em Ita Yvate, dezembro de 1868, todos os homens foram convocados para lutar, inclusive o Estado Maior de López. Assim:

Eram as mulheres, naqueles dias, que tinham de encarregar-se de todos os sepultamentos e cuidar dos doentes, pois homem algum podia ser poupado. As balas de fuzil, aos milhares, não cessaram desde 21 até 27 de dezembro, tanto de dia como de noite, e todos os feridos estavam expostos ao fogo, do mesmo modo que os combatentes.²⁰

Nesse momento, em dezembro de 1868, Versen relata que pelo caminho – nas proximidades de Loma do Cumbariti – tudo estava destruído e que

na frente ouviam-se tiros, mas, atrás de nós o ruído do combate ia esmorecendo ao longe. Eis que, de repente, surgiram diante de nós muitas centenas de mulheres, carregando em cestos na cabeça, os escassos remanescentes da antiga abastança. Não era possível romper pelo meio dessa turba por isso encostamo-nos á ribanceira para deixá-la passar.²¹

Segundo Héctor Francisco Decoud, a situação do Paraguai desde 1868 vinha se agravando e, de forma gradual, todos, inclusive algumas mulheres, foram convocados para compor um “batalhão feminino”. Isso fica evidenciado na referência abaixo:

Ya no había quedado, ni aún, en el último escondrijo del Paraguay, un solo hombre apto para empuñar las armas, que no estuviese en los acampamentos al servicio del mariscal López. Fue entonces que se resolvió la organización de batallones femeninos en toda la república, formándose de todas aquellas que estaban en condiciones de cargar un fusil, comenzando por la capital,

como estímulo para las demás. Llamadas que fueron, se alistó el número necesario para la formación del primer batallón de infantería, el cual fue bautizado con el nombre de voluntarios, cuyo cuerpo recibió inmediatamente la primera instrucción, en la plaza de armas.²²

Interessante situação viveram as mulheres, segundo os relatos do cônsul francês Laurent-Cochélet, que em várias ocasiões assistiu ao embarque das tropas, como também do presidente López. Segundo ele, uma situação emocionante e ao mesmo tempo repressiva, pois

las mujeres escondían el rostro con sus mantos para que los numerosos espías esparcidos entre la multitud no las vieran librarse a un sentimiento reprobado por el Gobierno, cuyo órgano de prensa oficial compara las mujeres paraguayas a las espartanas, quienes consagraban sus hijos a la defensa de la patria sin derramas lágrimas! No solo está prohibido librarse al dolor, sino que [también] se ordenó alegrarse: la Policía da orden formal de aparecer en los bailes populares que el Gobierno hace dar en celebración de los triunfos de su ejército, alas familias que se abstienen de ello.²³

A comparação das mulheres paraguaias com as “matronas espartanas” foi reforçada pela imprensa paraguaia, principalmente pelo *Semanário*, como pode ser igualmente observado em Efraim Cardozo ao fazer menção a essas “voluntárias”:

[...] Todas las mujeres en ese mismo momento, una por una, no solo agradecieron el cuidado de S.E. sino que suplicaron a los empleados locales encarecidamente se les admitiera su contingente para el servicio de la Patria, y cuales nuevas matronas de Esparta dijeron que se consideraban orgullosas madres, hijas y hermanas de los valientes defensores de sus patrios lares, y que ellas preferirían morir con hambre, independientes, antes que comer el pan, que pueda proporcionarles el que se titula Emperador de esclavos!²⁴

Cochelet, no entanto, não foi o único a discorrer sobre as obrigações a que era submetida a população paraguaia. Cuverville, substituto de Cochelet no consulado em Assunção, observou isso ao final de 1867:

Es, por otra parte, un hecho incontestable e incontestado, de todos modos, que el Presidente López sólo se rendirá en último extremo, y que hará matar su ejército entero antes de ceder a las exigencias de la Alianza [...]. Desde hace algún tiempo, se hace cuestión de reclutar a las mujeres, y muchos jueces de distritos abrieron listas en las que las jóvenes paraguayas vienen a inscribirse. El otro día, incluso, hemos visto al Juez de Paz de Lambaré [...] ejercitar al tiro de fusil a un batallón de sus conciudadanas. Que Vuestra Excelencia no crea que esas demostraciones entusiastas tengan un valor muy serio; no es en absoluto sólo el patriotismo el que habla, sino más bien el medio al exilio o a la prisión.²⁵

Se o oferecimento por parte de algumas mulheres para colaborarem no

abastecimento, na preparação dos vestuários e nos serviços dos “hospitais de sangue” – apesar do caráter obrigatório inerente às próprias medidas do governo – foi explicado e encarado de forma natural, a possibilidade de as mulheres “pegarem em armas” gerou algumas objeções dentro e fora do Paraguai. Thompson também se preocupou em registrar essa polêmica em torno da participação efetiva das mulheres:

Foi ordenado que as mulheres fizessem ainda outra demonstração patriótica: pedir permissão para tomar as armas e lutar ao lado de seus irmãos. O oferecimento foi apresentado ao vice-presidente, em Assunção, ao qual declinou, temporariamente, da oferta. Umhas vinte moças, entretanto, pertencentes a vila de Areguá, receberam lanças e vestidos brancos com faixas tricolores, e uma espécie de gorro escocês criado por Madame Lynch. Essas moças andavam por Assunção, cantando hinos patrióticos.²⁶

Tal relato nos permite observar a obrigatoriedade e a coação que revestia essas demonstrações, apesar de o governo insistir em apresentá-las como “atos voluntários”.

No dia 15 de dezembro de 1867, as *aregüeñas*, em uma manifestação, teriam se apresentado perante as autoridades locais para solicitar autorização para admissão ao Exército. Anteriormente, segundo consta, subcreveram uma ata na qual se admitia essa possibilidade. Em Areguá, as

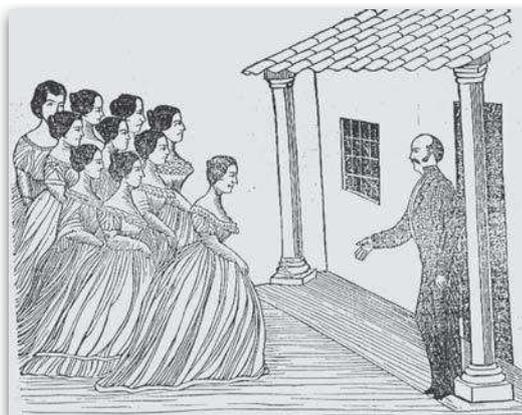
aregüeñas estrearam uma canção que mais tarde seria publicada no *Cabichuí*, em 9 de janeiro de 1868. O jornal transcreveu o coro entoado por elas:

Marchemos, marchemos
volando a la lid,
y toda aregüeña
empuñe un fusil.
Dejemos las ruelas
Que suena el clarín
Y toda aregüeña
Empuñe el fusil.
Broten lindas flores
En nuestro pénsil,
Que toda aregüeña
Empuñe el fusil.
Que agite sus olas
Ypacaray,
Que ya la aregüeña
Empuñe el fusil.
Y el campo se cubra
De rosa y jazmín,
Que ya la aregüeña
Empuñe el fusil.
También las legiones
De cobardes mil,
Que ya la aregüeña
Empuñen el fusil.
Que vengan los negros
De inmundo redil.
Que ya la aregüeña
Empuñe el fusil.
Teja las coronas
Un gran serafín,
Que ya la aregüeña
Empuñe el fusil.
Y jurando todas
'Vencer ó morir'
diga la aregüeña
al hombro un fusil.²⁷

A canção, além do patriotismo manifestado, descreve uma cena repleta de vibração, estimula as mulheres *are-*

güeñas a “pegarem em armas”, valendo-se de termos racistas e depreciativos para desqualificar e desprezar a raça inimiga. Expressões representativas da feminilidade como “rosa e jasmim” e “coroas com anjos”, que caracterizam a mulher, estão ao lado do brado “Vencer ó morir”, até então restrito aos homens. Essa situação é destacada pela imprensa como “atitude patriótica”, expressa no desejo de algumas mulheres em “pegar em armas”.

A ilustração do *Cabichuí* representa dez mulheres da capital, vestidas em elegantes vestidos à moda europeia, que pedem ao vice-presidente Sánchez para “pegar em armas”:



Fonte: *Cabichuí*, ano 1, n. 63, 9 dez. 1867, p. 2.

Figura 2 - Las hijas de la Pátria, pidiendo armas para esgrimarlas contra el ímpio y cobarde invasor.

É evidente que para o governo essas manifestações de apoio à guerra e atos de patriotismo eram importantes, uma vez que o alistamento de mulheres seria uma alternativa caso se esgo-

tassem outras fontes de recrutamento. Tais manifestações se tornaram frequentes. As canções entoadas tinham pouco mérito literário, mas ilustravam e representavam os sentimentos patrióticos; também evidenciavam o racismo presente até mesmo entre as mulheres. As mulheres de Luque também se armaram com lanças e desfilaram pelas ruas da capital, entoando a seguinte canção:

Coro

Las hijas de Luque
Oh gran Mariscal!
Una lanza empuñan
Por la libertad.

Coro

Y s su santo lema
“morir o vencer”
Por eso una lanza
Alza la mujer.

Coro

Tres años que truena
De muerte el cañón
Tres años luchamos
Contra el invasor

Coro

La jauría de negros
Quiere esclavitud
Las hijas de Luque
Dice: ¡atrás!

Coro

Luchando gloriosas
En la lid de honor
Sostengamos todas
Nuestro pablon

Coro

Corramos, volemós
Al campo a luchar
Y todas digamos
Viva el Mariscal!²⁸

Na canção acima, no primeiro verso, as camponesas referem a si mesmas como as “hijas de Luque”, que significa que tinham uma forte lealdade com sua comunidade e com o povoado de Luque. Pode-se supor que houvesse, ainda, uma preocupação local com a defesa do interesse nacional contra os exércitos aliados.

Muitas canções, poesias e artigos dos próprios jornais paraguaios, principalmente do *Cabichuí*, referiam-se aos brasileiros como “negros” ou *campas*, notadamente termos depreciativos e racistas. Esses termos racistas empregados para representar seus inimigos serviram, do mesmo modo, para reforçar o sentimento de identidade nacional paraguaia.

A imprensa, por meio do *El Centinela*, com o propósito de elevar os gestos das mulheres, utilizava termos que dignificavam as suas ações. Em relação a esse aspecto, referimos a menção especial às mulheres de Ybytymí:

Mujeres de la Campaña. Las hijas de Ybytymí acaban de poner una joya más en la espléndida corona de la Patria, ofreciéndose para tomar las armas en defensa de la independencia y libertad nacional. Este sublime rasgo de patriotismo, de abnegación y de valor ha dado nueva luz al hermoso cuadro que el Paraguay ofrece al mundo de la grandeza y heroicidad de sus hijos. Felicitamos a las heroínas de Ybytymí y de Lambaré, que también acaban de pedir se les instruya en el manejo del fusil para defender los derechos de su Patria.²⁹

Deste modo, *El Centinela* louva as “voluntárias” que desejavam “pegar em armas” e lutar. Nota-se, porém, que, ao ressaltarem o “rasgo de patriotismo”, enfatizam que essas ações na guerra não pertenciam ao mundo feminino.

Masterman deixa claro que esse movimento foi, inicialmente, liderado pelas mulheres da elite. No trecho abaixo nos oferece o seguinte relato:

A principio de este año [1868], se formaron efectivamente varios regimien-
tos de mujeres. Sus servicios eran, por
supuesto, voluntarios, pero no se nece-
sita recordar al lector lo que esto signi-
ficaba en el Paraguay; hubo momentos
en que se pensaba mandarlas á cam-
paña, pero después de adestrarlas por
algunas semanas en los ejercicios mi-
litares, la idea fue abandonada. Este
hecho ha sido objeto de muchos comen-
tarios y ha sido negado igual numero
de veces, pero yo doy fe de su verdad.
Tengo en mi poder una lista impre-
sa con los nombres, sesenta por todo,
empezando con el de Juana Tomasa
Frutos, y terminando con el de Brígida
Chaves y encabezada. “Lista nominal
de las señoritas, que se ofrecen para
tomar las armas”. Doña Carolina Gill,
antigua amiga mía, era “capitana” de
una compañía.³⁰

Quanto ao que significava engajar-se como voluntário nas fileiras do exército paraguaio, Washburn observou:

En la primera reunión [...] se propuso
que una comisión se dirigiera a soli-
citar el favor de una aceptación moral
de parte de Su Excelencia. Este favor
consistía en que se les permitiera to-
mar las armas y entrar en las filas

como soldados [...] y através de todo o
país fueron organizadas las compañías
[de mujeres-soldados]. Se prescribió un
modelo de uniforme para las volunta-
rias, y oficiales del ejército; tenientes
e alférez que habían estado en los hos-
pitaes y se encontraban en convale-
cencia tuvieron como tarea el adiestra-
miento de las mismas en evoluciones
militares. La única arma en la que fue-
ron instruidas fue la lanza. Nunca se
puso armas de fuego entre sus manos.
No solo en la Capital, sino en todas las
capillas del estado, se realizó la cons-
cripción de las mujeres entre 16 y 40
años.³¹

De fato, inicialmente, o objetivo
era dar instruções somente para o uso
da lança, mas no decorrer do conflito
muitas mulheres empregaram armas
de fogo contra os inimigos. Na capital,
por uma ou outra razão, as mulheres
da classe alta não foram chamadas de
“voluntárias”; eram, sim, denominadas
de “alta categoria”. Assim,

no se dio semejante excepción en el
interior, y a las hijas de los más res-
petables y acomodados ciudadanos se
les exigió, que del mismo modo que los
esclavos y peones, salieron de sus capi-
llas [compañías] vistieran el uniforme,
tomaran las lanzas y aprendieran las
instrucciones [militares]. Ninguna de
las compañías entonces organizadas
fue enviada nunca al ejército como sol-
dados. Centenares y millares de ellas
fueron enviadas como trabajadoras, se
les exigió que realizaran todo tipo de
trabajos domésticos, la limpieza del
acampamento, el corte y traslado de
leña, e incluso que trabajaran en el ca-
vado de las trincheras.³²

O *Semanario*, na edição de 25 de janeiro de 1868, informou que o governo não aceitaria que as mulheres portassem armas, divulgando o manifesto do marechal:

¿Qué son una o dos horas de combate en comparación de la ardua y heroica dedicación de las hijas de la patria, a labrar la tierra para mantenerse a si mismas, mantener a sus familias y a nosotros mismos? ¿Permitiréis acaso que ellas se crean sin seguridad, y de nosotros no seamos suficientes para contribuir con tan viles esclavo?³³

Parece ficar claro que Solano López não aceitava a decisão das mulheres de tomarem em armas e reforçava o trabalho que realizavam nos campos, importante naquele momento para manter abastecida a população que estava na guerra.

Ao analisar a participação das mulheres na guerra, constatamos que as demonstrações de solidariedade com os soldados nos campos de batalha deveram-se às pressões que o Estado fez por meio da imprensa. As mulheres acabavam manifestando seu apoio através de demonstrações variadas de entusiasmo coletivo. Nesse sentido, é importante entendermos quais eram os objetivos do Estado ao estimular essas demonstrações de patriotismo, ressaltando as razões para as mulheres receberem ampla atenção da imprensa da época. Afinal, era necessário convencê-las e certificar-se do seu apoio em caso de necessidade, pois, em determinadas

situações e estágios da guerra, as mulheres foram a alternativa para a manutenção e a defesa da pátria.

Abstract

This article has since objective presents an analysis of the representations built on the Paraguayan women in the period of the War of Paraguay. With the intention of doing much more for the Homeland, a great deal of the volunteers and others totally compelled, they resolved “to catch arms” to fight. Part of the national energy and of the demonstration of solidarity for with the soldiers in the fields of battle was due to the pressure that the State put through the press, aiming for the diffusion of the patriotism. The women were letting become infected with the wave of patriotism that Paraguay was surviving through a collective enthusiasm, volunteering spontaneously to the recruitment.

Key words: Paraguayan women. War of Paraguay. Travelers and Presses.

Notas

- ² PRADO, Maria Lígia. A participação das mulheres nas lutas pela independência política na América Latina In: *América Latina no século XIX*. Tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp/Edusc, 1999. p. 37-38.
- ³ *Kygua verá* é uma expressão em guarani que significa “pentes dourados”, referindo-se ao hábito que tinham as mulheres do povo de usar travessas douradas, que ao mesmo tempo prendiam e enfeitavam suas longas cabeleiras. Essas mulheres teriam um significado especial após a guerra, pois, para muitos, elas dariam novos brios para o nacionalismo paraguaio.

- ⁴ Os jornais que referimos são o *Cabichuí*, *El Centinela* e o *Semanário*.
- ⁵ BARBOSA, Marinalva. Jornalismo e história: um olhar e duas temporalidades. In: MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (Org.). *História e imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos: anais do colóquio*. Rio de Janeiro: UERJ, IFCH, 1998. p. 87.
- ⁶ ZICMAN, Reneé. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História / PUCSP*, São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985. p. 90.
- ⁷ Ocupamo-nos dos relatos de Dionísio Cerqueira, Max Von Versen, George Thompson, Visconde de Taunay, Richard F. Burton, Charles Washburn e George Frederick Masterman.
- ⁸ LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem*. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 22.
- ⁹ THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968. p. 168.
- ¹⁰ “Residentas” eram as mulheres que seguiam o exército de López. São poucos os relatos sobre elas, talvez porque a maioria delas não soubesse ler ou escrever, o que, aliás, parece ter sido regra entre as mulheres. Por sua vez, as “destinadas”, a maioria mulheres da elite paraguaia, tinham um assentamento fixo e permissão para o cultivo da terra, as residentas não recebiam ração do exército e estavam condenadas a viver das sobras dos soldados, a comprar alimentos no mercado negro ou a coletar alimentos nos bosques próximos. ALCALÁ, Guido Rodríguez (Org.). *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991. p. 6-42.
- ¹¹ THOMPSON, op. cit., 1968, p. 122-123.
- ¹² CARDOZO, Efraim. Crônicas de la guerra de 1864-1870. Publicadas em *La Tribuna* de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Asunción: Editora Emasa, v. 3, 1979. p. 162-163. O mesmo tema aparece em: CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memórias: reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, v. 2, 1987. p. 9, 60, 235 e 268.
- ¹³ VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora USP, 1976. p. 163.
- ¹⁴ WASHBURN, Charles A. *Historia del Paraguay*. Con notas de observaciones personales y reminiscencias de algunas dificultades diplomáticas. *Revista del Paraguay*, Buenos Aires, v. 2, 1892. p. 173.
- ¹⁵ A *chipa* é uma comida típica de praticamente todo o Paraguai, da região noroeste da Argentina, estendendo-se, inclusive, às regiões fronteiriças do Paraguai/Brasil. É uma espécie de pão feito de farinha de milho e queijo e faz parte da alimentação diária dessas populações.
- ¹⁶ WASHBURN, op. cit., v.1, 1892. p. 446-448.
- ¹⁷ LEITE, Miriam Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 63.
- ¹⁸ VERSEN, op. cit., 1976. p. 109.
- ¹⁹ BURTON, Sir Richard F. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1997. p. 325. A representação da mulher guerreira nos relatos dos viajantes está aliada ao mito criado em relação às “amazonas”, integrando o imaginário que confirma uma determinada identidade nacional. A “amazona” é a representação idealizada de uma mulher guerreira que remonta aos tempos coloniais, estando presente nos registros de um grande número de viajantes desse período.
- ²⁰ THOMPSON, op. cit., 1968. p. 244.
- ²¹ VERSEN, op. cit., 1976. p. 159.
- ²² DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escorbos de la guerra*. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: S/Ed., 1925. p. 188.
- ²³ Carta de Laurent-Cochelet a Drouyn de L’Huys, Asunción, 12 de julho de 1865. In: RIVAROLA, Milda. *La Polémica francesa sobre la Guerra Grande*. Eliseo Reclus: La Guerra del Paraguay. Laurent-Cochelet: correspondencia consular. Asunción: Editorial Histórica/ Editora Milda Rivarola, 1988. pp. 142-143.
- ²⁴ CARDOZO, op. cit., v. 2, 1979. p.100.
- ²⁵ Carta de Cuverville al Marquis de Moustier, Asunción, 12 de dezembro de 1867. In: RIVAROLA, op. cit., 1988. p. 146-147.
- ²⁶ THOMPSON, op. cit., 1968. p. 164.
- ²⁷ *Cabichuí* de 9 de janeiro de 1868, ano 2, n. 72. p. 4.
- ²⁸ CARDOZO, op. cit., v. 8, 1979. p. 15-26.
- ²⁹ *El Centinela*, ano 1, n. 31, 21 nov. 1867, p. 4.
- ³⁰ MASTERMAN, Jorge Federico. *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Juan Palumbo Editor, 1911. p. 142.
- ³¹ WASHBURN, op. cit., v. 2, 1892. p. 175.
- ³² Idem, p. 175-176.
- ³³ *Semanario* de 25 de janeiro de 1868, n. 724. p. 4.

Referências

- ALCALÁ, Guido Rodríguez (Org.). *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.
- BARBOSA, Marinalva. Jornalismo e história: um olhar e duas temporalidades. In: MOREL, Marco; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (Org.). *História e imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos: anais do colóquio*. Rio de Janeiro: UERJ, IFCH, 1998.
- BURTON, Sir Richard F. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.
- CARDOZO, Efraim. *Hace Cien Años*. Crônicas de la Guerra de 1864-1870. Publicadas en “La Tribuna” de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Asunción: Editora Emasa, (1968-1982). 13 v.
- CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memórias: reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987. 2 v.
- DECOUD, Hector Francisco. *Sobre los escombros de la guerra*. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: [s. ed.], 1925.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem*. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem*. (1803-1900) Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MASTERMAN, Jorge Federico. *Siete años de aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Juan Palumbo, 1911.
- PRADO, Maria Lígia. A participação das mulheres nas lutas pela independência política na América Latina In: *América Latina no século XIX*. Tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp/Edsc, 1999.
- RIVAROLA, Milda. *La polémica francesa sobre la Guerra Grande*. Eliseo Reclus: La Guerra del Paraguay. Laurent-Cochelet: correspondencia consular. Asunción: Editorial Histórica/ Editora Milda Rivarola, 1988.
- THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.
- VERSEN, Max Von. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1976.
- WASHBURN, Charles A. Historia del Paraguay. Con notas de observaciones personales y reminiscencias de algunas dificultades diplomaticas. *Revista del Paraguay*, Buenos Aires, 2 v., 1892.
- ZICMAN, René. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*, São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.

Jornais

Cabichuí de 9 de dezembro de 1867, ano 1, n. 63, p. 2.

Cabichuí de 9 de janeiro de 1868, ano 2, n. 72, p. 4.

El Centinela de 21 de novembro de 1867, ano 1, n. 31, p. 4.

Semanario de 25 de janeiro de 1868, n. 724, p. 4.

Vida Fluminense de 30 de maio de 1868, ano 1, n. 22.